



os sentidos do trabalho

ricardo antunes

os sentidos do trabalho

ensaio sobre a afirmação
e a negação do trabalho



© Boitempo, 1999, 2009, 2025
© Ricardo Antunes, 1999, 2009, 2025

Direção-geral Ivana Jinkings

Edição Thais Rimkus

Coordenação de produção Juliana Brandt

Assistência editorial Marcela Sayuri

Assistência de produção Livia Viganó

Preparação Maria Cristina G. Cupertino e Mariana Echalar

Revisão Alessandro de Paula e Renata Assumpção

Capa Maikon Nery, sobre painel de Diego Rivera, *Detroit Industry*, 1932-1933 (detalhe).
The Detroit Institute of Arts.

Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio Ana Beatriz Leal, Ana Slade, Artur Renzo, Bruno Ferreira, Carolina Peters, Davi Oliveira, Elaine Ramos, Giovanna Corossari, Higor Alves, Ivam Oliveira, Kim Doria, Letícia Akutsu, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Mateus Rodrigues, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Renata Carnajal, Sofia Perseu, Tatiane Carvalho, Thais Caramico, Tulio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A644s

3. ed.

Antunes, Ricardo L. C. (Ricardo Luis Coltro), 1953 - Os sentidos do trabalho : ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes. - 3. ed. - São Paulo : Boitempo, 2025.

ISBN 978-65-5717-443-2

1. Trabalho. 2. Sociologia do trabalho. I. Título.

25-96307

CDD: 331.1

CDU: 316.334.22



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

É vedada a reprodução de qualquer parte
deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: outubro de 1999;
2ª edição: dezembro de 2009;
3ª edição: abril de 2025



BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 | 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br | www.youtube.com/tvboitempo

Oh, as estranhas exigências da
sociedade burguesa que primeiro
nos confunde e nos desencaminha,
para depois exigir de nós mais que a
própria natureza!

Goethe, *Os anos de aprendizado de
Wilhelm Meister*

Que tempos são esses, em que
falar de árvores é quase um crime
pois implica silenciar sobre tantas
barbaridades?

Brecht, *Aos que vão nascer*

Somente quando o homem, em
sociedade, busca um sentido para
sua própria vida e falha na obtenção
deste objetivo, é que isso dá origem
à sua antítese, a perda de sentido.

Lukács, *Ontologia do ser social*

Andam desarticulados os tempos.

Shakespeare, *Hamlet*

SUMÁRIO

NOTA À TERCEIRA EDIÇÃO	13
PREFÁCIO – István Mészáros	15
APRESENTAÇÃO.....	19
INTRODUÇÃO	21
I – O SISTEMA DE METABOLISMO SOCIAL DO CAPITAL E SEU SISTEMA DE MEDIAÇÕES	25
O sistema de mediações de primeira ordem	25
A emergência do sistema de mediações de segunda ordem	26
II – DIMENSÕES DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL.....	35
A crise do taylorismo e do fordismo como expressão fenomênica da crise estrutural	35
III – AS RESPOSTAS DO CAPITAL À SUA CRISE ESTRUTURAL: a reestruturação produtiva e suas repercussões no processo de trabalho.....	41
Os limites do taylorismo/fordismo e do compromisso social-democrático	42
A eclosão das revoltas do operário-massa e a crise do Welfare State	46
IV – O TOYOTISMO E AS NOVAS FORMAS DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL.....	53
A falácia da “qualidade total” sob a vigência da taxa de utilização decrecente do valor de uso das mercadorias.....	56
A liofilização organizacional e do trabalho na fábrica toyotizada: as novas formas de intensificação do trabalho	58
V – DO NEOLIBERALISMO DE THATCHER À “TERCEIRA VIA” DE TONY BLAIR: a experiência inglesa recente.....	67
Neoliberalismo, mundo do trabalho e crise do sindicalismo na Inglaterra	67
Elementos da reestruturação produtiva britânica: ideário e pragmática	81
As greves inglesas nos anos 1990: as formas de confrontação com o neoliberalismo e a precarização do trabalho	96
O New Labour e a “Terceira Via” de Tony Blair	100

VI – <i>A CLASSE-QUE-VIVE-DO-TRABALHO: a forma de ser da classe trabalhadora hoje</i>	105
Por uma noção ampliada de classe trabalhadora	105
Dimensões da diversidade, heterogeneidade e complexidade da classe trabalhadora	108
Divisão sexual do trabalho: transversalidades entre as dimensões de classe e gênero.....	109
Os assalariados no setor de serviços, o “terceiro setor” e as novas formas de trabalho em domicílio.....	115
Transnacionalização do capital e mundo do trabalho.....	119
VII – <i>MUNDO DO TRABALHO E TEORIA DO VALOR: as formas de vigência do trabalho material e imaterial</i>	123
A interação crescente entre trabalho e conhecimento científico: uma crítica à tese da “ciência como principal força produtiva”	123
A interação entre trabalho <i>material</i> e <i>imaterial</i>	129
As formas contemporâneas do estranhamento	134
VIII – <i>EXCURSO SOBRE A CENTRALIDADE DO TRABALHO: a polêmica entre Lukács e Habermas</i>	139
1 – A CENTRALIDADE DO TRABALHO NA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL DE LUKÁCS.....	139
Trabalho e teleologia	140
O trabalho como protoforma da práxis social.....	143
Trabalho e liberdade	147
2 – A CRÍTICA DE HABERMAS AO “PARADIGMA DO TRABALHO”	150
O paradigma da ação comunicativa e da esfera da intersubjetividade.....	151
O desacoplamento entre sistema e mundo da vida.....	153
A colonização do mundo da vida e a crítica de Habermas à teoria do valor	155
3 – UM ESBOÇO CRÍTICO À CRÍTICA DE HABERMAS	159
Subjetividade autêntica e subjetividade inautêntica	162
IX – <i>ELEMENTOS PARA UMA ONTOLOGIA DA VIDA COTIDIANA</i>	169
X – <i>TEMPO DE TRABALHO E TEMPO LIVRE: por uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho</i>	175
XI – <i>FUNDAMENTOS BÁSICOS DE UM NOVO SISTEMA DE METABOLISMO SOCIAL</i>	181
APÊNDICES	187
<i>Apêndices à primeira edição</i>	189
1 – A CRISE DO MOVIMENTO OPERÁRIO E A CENTRALIDADE DO TRABALHO HOJE	189
2 – OS NOVOS PROLETÁRIOS DO MUNDO NA VIRADA DO SÉCULO.....	197

3 – AS METAMORFOSES E A CENTRALIDADE DO TRABALHO HOJE	209
4 – SOCIALISMO E MUNDO DO TRABALHO NA AMÉRICA LATINA: alguns pontos para debate	225
5 – LUTAS SOCIAIS E DESENHO SOCIETAL SOCIALISTA NO BRASIL RECENTE.....	229
<i>Apêndices à segunda edição</i>	251
1 – DEZ TESES E UMA HIPÓTESE SOBRE O PRESENTE (E O FUTURO) DO TRABALHO.....	251
I – O século XX e a era da degradação do trabalho na sociedade do automóvel	251
II – A engenharia da liofilização no microcosmo da produção.....	252
III – A era da informatização e a época da informalização do trabalho.....	254
IV – O século XXI: entre a perenidade e asuperfluidade do trabalho....	256
V – A ampliação do trabalho intelectual abstrato e as novas formas do valor (as interconexões entre trabalho material e trabalho imaterial)	257
VI – Sociedade pós-industrial ou interpenetração dos setores na era da financeirização.....	259
VII – As múltiplas transversalidades do trabalho: gênero, geração e etnia.....	260
VIII – Desenhando a nova morfologia do trabalho	261
IX – A desierarquização dos organismos de representação do trabalho.....	262
X – Um excerto necessário: o pêndulo do trabalho.....	263
XI – Um novo sistema de metabolismo social: autodeterminação e tempo disponível.....	264
2 – TRABALHO E VALOR: anotações críticas.....	267
Sobre a obra recente de André Gorz.....	267
I.....	268
II.....	271
III.....	273
3 – A ECONOMIA POLÍTICA DAS LUTAS SOCIAIS	277
<i>Apêndice à terceira edição</i>	285
UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E CAPITALISMO DE PLATAFORMA: uma nova era de desantropomorfização do trabalho?.....	285
Um mundo informacional digital.....	285
Os serviços se convertem em mercadoria	286
As plataformas e o milagre algorítmico.....	289
Os “incansáveis” e o trabalho integral	293
Plataforma e protoforma.....	295
As novas rebeliões.....	298
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	303
<i>SOBRE O AUTOR</i>	311

Para Diva e José,
meus pais

NOTA À TERCEIRA EDIÇÃO

Este livro foi lançado originalmente em 1999, pela Boitempo. De lá para cá, houve uma edição ampliada e atualizada (2009) e muitas reimpressões. No exterior, foi publicado na Argentina (Herramienta, 2005); na Itália (Jaca, 2006, e Punto Rosso, 2017); na Holanda e na Inglaterra (Brill, 2012); em Portugal (Almedina, 2013); nos Estados Unidos (Haymarket, 2013); e na Índia (2015).

Não se tratando de apresentar nesta nota sucinta o que se encontra amplamente desenvolvido no livro, vale indicar que a imprescindibilidade do trabalho no mundo contemporâneo é evidente, ao menos em duas dimensões cruciais:

1) Quando o trabalho é entendido como *atividade vital* (Marx), como uma dimensão intrínseca e constitutiva da história humana, uma vez que está presente em todos os momentos da vida, desde a gênese do ser social. Sem essa decisiva dimensão ontológica, histórica e concreta, que produz e reproduz a vida social, a humanidade nem sequer poderia existir.

2) Sem o *labor*, o capital, em última instância, não tem como se reproduzir. Sem mais-valor, o mundo financeiro, que parece ter vida autônoma, evapora e perde seu lastro material essencial.

É exatamente por isso que o mundo do capital financeirizado e plataformizado reinventa, em pleno século XXI, como um Frankenstein digital, modalidades pretéritas e perversas de *exploração*, *expropriação* e *espoliação* que encontraram vigência nas fases iniciais do capitalismo industrial e que hoje estão sendo “reinventadas” pelo *sistema de reprodução antissocial do capital*, operando uma simbiose medonha

e horripilante, na qual o “novo” – o mundo dos artefatos digitais, dos algoritmos e da inteligência artificial – convive com tranquilidade com a devastação ilimitada do trabalho (sem falar da natureza e do gênero humano) em todos os cantos do mundo, alterando somente a intensidade dos vilipêndios. Basta olhar para o mais global de todos os trabalhos, aquele realizado por imigrantes.

Nesta edição de 25 anos, os textos de capa foram atualizados, e a esplendida contribuição de nosso querido István Mészáros tornou-se prefácio, como, aliás, era a proposta inicial, quando da publicação em 1999.

Visando a apontar elementos da atualidade das teses centrais de *Os sentidos do trabalho*, acrescentamos um apêndice, “Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho”, que explora, empírica e analiticamente, algumas das mutações em curso a partir da expansão das plataformas digitais e do trabalho uberizado. Demonstramos que a monumental expansão das grandes plataformas digitais, além de não prescindir do trabalho humano, vêm praticando uma simbiose nefasta entre avanço digital e precarização do trabalho, recuperando formas preteritas de exploração, expropriação e espoliação que tiveram vigência no período que podemos denominar como *protoforma do capitalismo*.

Além disso, a intensidade dessas “novas” modalidade de trabalho, agora sob o universo maquínico digital, sugere que estamos adentrando em uma *era de desantropomorfização do trabalho*, provocada pela eliminação de amplos contingentes de *trabalho vivo* que são substituídos pelo *trabalho morto* (algoritmos, inteligência artificial, internet das coisas etc.), ampliando e exasperando as formas de extração de mais-valor em quase todas as esferas invadidas pelo capital.

Assim, a conclusão apresentada originalmente quando da publicação original deste livro continua atual: *o trabalho que estrutura o capital destrutura a humanidade*. Em contrapartida, *o trabalho que destrutura o capital pode efetivamente reorganizar e emancipar a humanidade*.

Conjuntamente com a luta vital pela preservação da natureza e pela destruição radical da exploração/opressão de classe, gênero, raça e etnia, a luta da *classe-que-vive-do-trabalho* traz consigo a efetiva possibilidade e potencialidade para superar o sistema de reprodução antissocial do capital.

Para finalizar, deixo um agradecimento muito especial a Ivana Jinkings e toda a equipe da Boitempo, responsáveis por um cuidado editorial minucioso, mais uma vez presente nesta nova edição.

Ricardo Antunes

PREFÁCIO

A negação da centralidade do trabalho por parte dos apologistas do capital – um tema fundamental em *Os sentidos do trabalho* – tornou-se mais proeminente nas três últimas décadas, coincidindo com o início da crise estrutural do capital. As origens dessa tendência datam de muito tempo atrás. Já em 1925, Karl Mannheim, em seu famoso livro *Ideologia e utopia*, afirmava que “as classes estão se fundindo uma na outra” porque, de acordo com uma ideia muito mais antiga que ele tomou emprestada de Max Scheler, nós vivemos “numa era de equalização”. O objetivo de tal projeção era, desde o início, afastar a inconveniente realidade do trabalho como antagonista do capital, negando a própria existência de uma força social capaz de instituir uma alternativa hegemônica para a ordem estabelecida.

Sem dúvida, vimos – e continuamos a nos defrontar com esse fato – fusões de proporções monumentais. Não entre classes, mas entre corporações gigantescas quase monopolistas. Da mesma forma, uma tendência real de equalização está avançando inexoravelmente. Mas não é uma tendência para criar condições de igualdade entre classes sociais – a evidência ressalta exatamente o oposto. A tendência real é de uma equalização decrescente da taxa diferencial de exploração, com a força de trabalho sendo em todo o mundo colocada de modo cada vez mais intenso sob uma forma de exploração e marginalização pelo capital. Assim, apesar de todos os tipos de mistificação teórica que procuram descartar esses problemas como sendo “preocupações anacrônicas do século XIX”, a necessidade de desafiar a subordinação

estrutural hierárquica do trabalho ao capital continua sendo a grande questão de nosso tempo. E o enfrentamento disso, tanto na teoria quanto na prática social, é impensável sem a reafirmação vigorosa da centralidade do trabalho.

Com rigor e lucidez, Ricardo Antunes trata de todo um conjunto de questões vitais, refletindo fielmente suas complexas ramificações. Ele constrói em seus livros anteriores – em particular em *Adeus ao trabalho?* –, e amplia muito em *Os sentidos do trabalho*, uma estrutura abrangente na qual problemas particulares ganham vida e ressaltam o sentido um do outro por meio de suas conexões recíprocas. Mostra de forma convincente que a “crise do fordismo” e a maneira pela qual as “personificações do capital” procuraram superá-la com a reestruturação da economia – ficando muito aquém do sucesso esperado – somente são inteligíveis como parte de uma crise bem mais profunda do sistema como um todo. Mostra também que elas em verdade são manifestações das contradições do sistema do capital, que nenhuma quantidade de “toyotismo” poderá remediar.

As teorias que postularam a substituição do trabalho pela “ciência como principal força produtiva” concentraram-se, com um “eurocentrismo” característico, em alguns países capitalistas avançados, desconsiderando o fato de que atualmente dois terços da força de trabalho da humanidade vive no chamado Terceiro Mundo. Ainda mais, como o autor demonstra numa parte importante de seu livro dedicada à análise do que aconteceu na Inglaterra nas três últimas décadas, as conclusões de tais teorias sobre a substituição do trabalho e a ideia de relegar ao século XIX suas estratégias combativas são desprovidas de qualquer fundamento, mesmo em um país capitalista tão avançado quanto a Inglaterra. *Os sentidos do trabalho* explica as razões do neoliberalismo thatcherista, um projeto que durou duas décadas, mostrando também a tentativa do *New Labour* de, com um novo disfarce, reviver sob o vazio ideológico da “Terceira Via” o desacreditado e falido empreendimento neoliberal.

Há em *Os sentidos do trabalho* uma pesquisa meticulosa, e os *insights* teóricos do autor são apoiados em ampla documentação. Antunes consegue com sucesso reter a complexidade dialética dos problemas discutidos, quando outros poderiam ficar tentados a oferecer interpretações unilaterais. Ele sublinha, por exemplo, que o significativo aumento do trabalho feminino – que hoje constitui 51% da força de trabalho inglesa – representa indiscutivelmente uma emancipação parcial das mulheres. Mas ao mesmo tempo ressalta o lado negativo desses acontecimentos, mostrando que o capital incorpora o trabalho feminino em sua divisão social e sexual do trabalho, impondo sobre a força de trabalho feminina maior intensidade de precarização e exploração.

As candentes questões sociais e políticas discutidas situam-se dentro dos horizontes teóricos mais amplos do livro, enfatizando sua verdadeira significação e validade. O modo como o autor focaliza os fundamentos ontológicos do trabalho, usando de forma imaginativa a última obra magistral de Lukács, lhe possibilita articular os polêmicos problemas atuais à perspectiva histórica de emancipação. Soluções viáveis, ele argumenta, são possíveis somente por meio da alternativa hegemônica do trabalho sobre o modo estabelecido de controle social metabólico, combinando o “sentido da vida” – isto é, a busca dos indivíduos por uma vida cheia de sentido – com o “sentido do trabalho”. Assim, em nítido contraste com aqueles que projetam uma acomodação utópica com o capital – mantendo sua supremacia no mundo da produção – e imaginam uma plenitude emancipatória fora da atividade produtiva, no reino do “lazer” –, Antunes corretamente insiste em que

uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho *assalariado, fetichizado e estranhado* com *tempo verdadeiramente livre*. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho [...]. Uma vida cheia de sentido [...] somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre *tempo de trabalho* e *tempo de não trabalho*, de modo que, a partir de uma *atividade vital* cheia de sentido, autodeterminada, *para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente* e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade [...] *em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente*.

Isso não poderia ter sido dito de modo melhor.

István Mészáros